

## **Segurança pública. A prática de um Brasil melhor extrapola o discurso**

Renata de Castro Menezes\*

Solidariedade, justiça, democracia, são palavras utilizadas, exaustivamente, em mensagens de final de ano que abarrotam nossas caixas postais. Porém, a realização de um mundo melhor cai no vazio, arrefece no cotidiano, na inércia de cada um de nós e na inoperância de gestores públicos. Afinal, reclamar é mais fácil do que agir. Colocar a culpa no inexorável é mais humano ainda. Mas, cá entre nós, vamos cair na real. Não existe vida boa sem ação, seja individual ou coletiva. Assim, para que o mundo dos sonhos deixe de ser virtual, a primeira ação imprescindível é o debate, a reivindicação cidadã. Neste ano de 2009, teremos uma excelente oportunidade de cumprir o que desejamos ao próximo. A arena para o debate público será o Fórum Social Mundial, ainda em janeiro, em Belém do Pará.

Sob o calor da imaginária linha do Equador, milhares de pessoas se reunirão para refletir acerca dos rumos do planeta, da exclusão e desigualdade social que consomem a sociedade. Dentre os temas que serão abordados, a segurança pública deve ser questão relevante para o país. Não foi à toa que o governo federal convocou a população para a primeira Conferência Nacional de Segurança Pública. O diálogo já começou e pretende ganhar vozes nessa nona edição do Fórum Social Mundial; na conferência livre que debaterá a eficácia das penas alternativas, proposta pela Universidade de Brasília.

O objetivo é construir um novo modelo para a segurança pública, alicerçado na articulação política, que venha a somar esforços de todas as instituições públicas, trabalhadores e sociedade civil. Essa é a ótica do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania - Pronasci, que pretende sensibilizar os brasileiros para a cultura da segurança cidadã.

Mas afinal, o que tem a ver ação policial, repressão da criminalidade com justiça social? Tudo. Infelizmente, no Brasil, é senso comum vincular a violência à pobreza e, indiretamente, à cor da pele. Negros pobres ainda são estigmatizados por grande parcela da sociedade. Basta observar o "suspeito" escolhido para passar por uma revista policial, ou *baculejo*, como se diz na

gíria. Algum branquinho com tênis da moda? Com certeza, o alvo serão jovens negros com chinelo de dedo; ou mesmo com tênis da moda.

Não é bem assim? Ah, não? Nossa santa hipocrisia fecha as janelas do carro nos semáforos, quando se aproximam os meninos vendedores de balas. Se isso não é criminalização da pobreza, me digam o que é.

Por tudo isso, a questão da segurança pública perpassa por nossos conceitos, arraigados na cultura da indiferença e da omissão. Muito diferente dos discursos dos cartões natalinos, nos quais renovamos a fé e a esperança de um mundo melhor. Frases lindas para marejar olhos e embargar a voz não servem de nada, se cada um de nós, cidadãos brasileiros, não nos conscientizarmos que somos senhores de nossos destinos. Fazer o Brasil "mais garrido" é obrigação de todos. Ou será que já esquecemos que "o penhor dessa igualdade conseguimos conquistar com braço forte" e que "um filho teu não foge à luta?".

\*Jornalista, servidora do ministério da Justiça